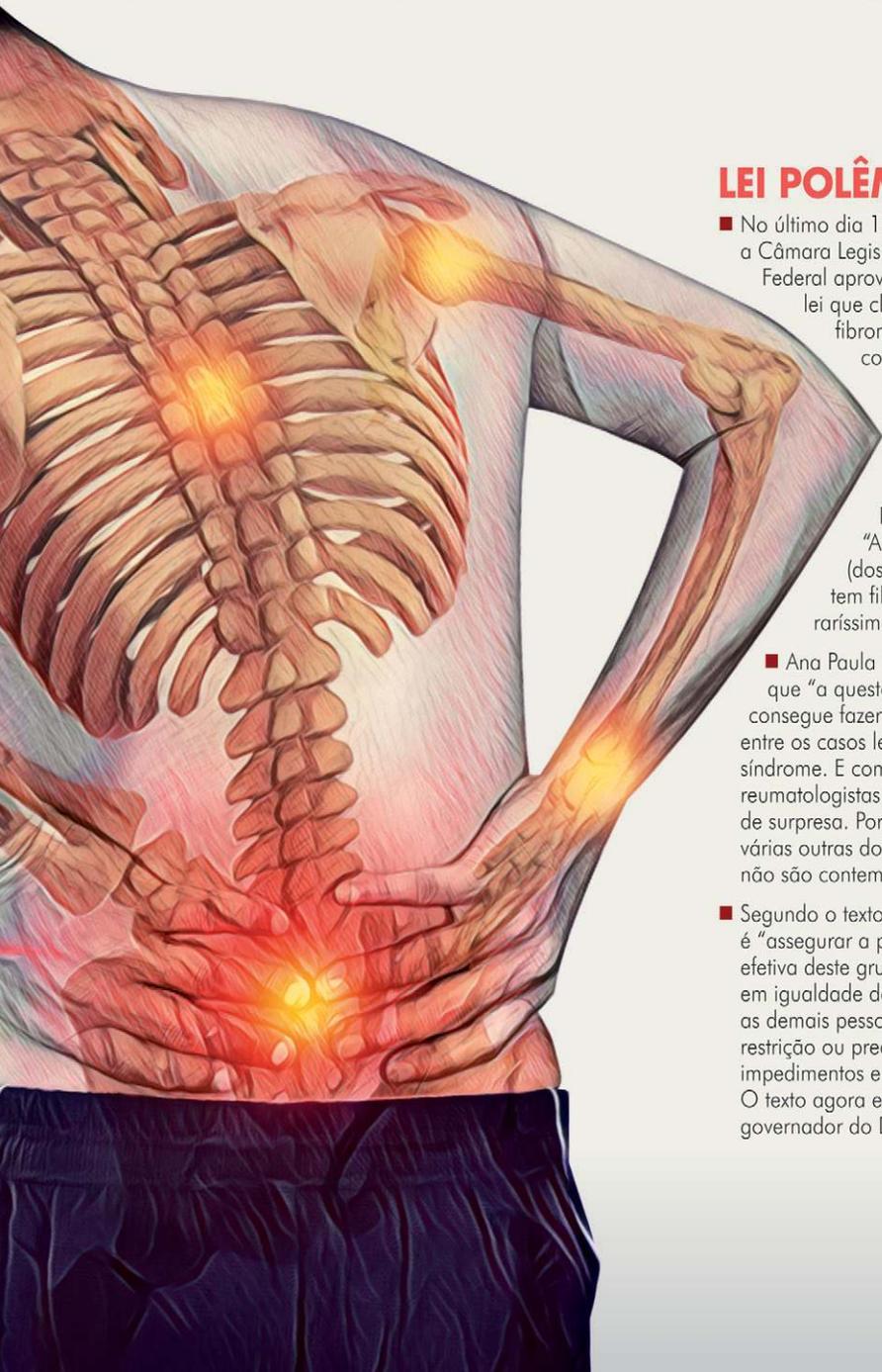


istente



LEI POLÊMICA

■ No último dia 17 de outubro, a Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou um projeto de lei que classifica pacientes de fibromialgia como pessoas com deficiência, dando acesso a todos os direitos que essa população usufrui. “Não faz sentido”, criticou Roberto Heymann. “A grande maioria (dos pacientes) não tem fibromialgia grave. E raríssimos têm deficiência.”

■ Ana Paula Gomides explica que “a questão é que a lei não consegue fazer a diferenciação entre os casos leves e os graves da síndrome. E completa: “A maioria dos reumatologistas foi meio que pego de surpresa. Porque a gente tem várias outras doenças reumáticas que não são contempladas (pela lei)”.

■ Segundo o texto do projeto, o intuito é “assegurar a participação plena e efetiva deste grupo na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas, sem qualquer restrição ou preconceito aos seus impedimentos e limitações físicas”. O texto agora espera sanção do governador do DF.

Palavra do especialista

Pelo fato de os sintomas principais serem parecidos com outras doenças, o diagnóstico de fibromialgia é difícil de ser feito?

Não é fácil, porque se parece com outras doenças e não existe nenhum exame que comprove a síndrome. A fibromialgia é uma desregulação do sistema de dor do nosso corpo, principalmente a nível do cérebro. E a gente ainda não tem um exame que consiga mostrar isso. Então, outras doenças podem se confundir. Às vezes, acontece o diagnóstico de fibromialgia que não é fibromialgia. (Poderia ser) outra doença reumática, um problema hormonal, alteração de tireoide, que também causam esses sintomas. E existe o contrário: pessoas que têm dor, que têm cansaço e acham que não é nada, mas, na verdade, têm uma fibromialgia que precisavam tratar. Por isso, é importante fazer uma avaliação, preferencialmente com o reumatologista, que é o especialista que cuida dessas doenças que geram dor.

Como o dia a dia de um paciente com fibromialgia é afetado?

É importante desmistificar porque, às vezes, o paciente fica com uma visão de que vai ficar totalmente incapacitado, e isso, na verdade, é muito variável. Mas, no geral, tanto a dor quanto a fadiga incomodam e atrapalham a qualidade de vida do paciente em todos os aspectos. No trabalho, nas atividades do dia a dia, na questão da concentração, nas atividades de estudo e, conseqüentemente, acaba impactando os relacionamentos (interpessoais), já que a pessoa está sempre cansada, indisposta, com dor. Então, é muito comum que os pacientes relatem também esses prejuízos de socialização e convivência.

O sistema público de saúde está preparado para atender os pacientes de fibromialgia?

É um grande problema que nós temos. Porque, na rede pública, tem poucos locais com serviços de reumatologia. Os pacientes têm muito pouco acesso, a gente precisa realmente divulgar sobre a necessidade de ampliar vagas na rede pública. Também são poucas as medicações para fibromialgia disponíveis (no SUS). É algo que, como Sociedade de Reumatologia, a gente vem batalhando, brigando, tentando negociar junto aos órgãos públicos. E, pior ainda, aquele tratamento não farmacológico — com fisioterapeuta, psicólogo — é muito difícil de conseguir para as pessoas com fibromialgia e faz toda a diferença. Isso é um problemão.

Ana Paula Gomides é médica reumatologista e membro da Sociedade de Reumatologia de Brasília.